

O FAKE E A FABRICAÇÃO DE UM ARTISTA: O PROJETO XIMO BERENGUER COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Anna Carvalho ¹

Resumo

O projeto Ximo Berenguer é uma obra do artista catalão Joan Fontcuberta. Nele, Fontcuberta trata das diferentes situações da imagem e de como podemos dar ênfase às tramas imagéticas. Ele brinca com a descontextualização e percebe que as imagens têm tanta força quanto as palavras, pois elas se impõem ao espectador, de forma autoritária e carismática. Nesse artigo, analisaremos o livro **A chupar del bote**, de Ximo Berenguer, uma obra que nasce como um experimento prático, apoiado no panorama das últimas décadas, em que o falso tem sido uma ferramenta pedagógica e crítica. O projeto nos faz pensar que, mesmo com as facilidades que a fotografia digital possibilita, ainda temos mecanismos de resgate das origens da “verossimilhança” das informações, ou seja, temos maneiras rápidas de comprovar algo. No entanto, é justamente por isso, que baixamos a guarda.

Abstract

*The Ximo Berenguer project is a work of the Catalan artist Joan Fontcuberta. In it, Fontcuberta deals with the different situations of the image and how we can emphasize the image frames. He plays with the decontextualization and realizes that the images have as much force as the words, because they impose on the viewer, in an authoritarian and charismatic way. In this article, we will analyze the book **A chupar del bote** by Ximo Berenguer, a work that is born as a practical experiment, supported by the panorama of the last decades, where the false has been a pedagogical and critical tool. The project makes us think*

¹ Doutoranda em Artes Visuais na Unicamp, com experiência em orientação de projetos, produção de conteúdo, produção cultural e docência (audiovisual, fotografia, artes visuais e comunicação).

that, even with the facilities that digital photography allows, we still have mechanisms to rescue the origins of the “verisimilitude” of information, that is, we have quick ways to prove something. However, it is precisely because of this that we lower our guard.

Em 1981 foi encontrada num antiquário uma maleta que continha dezenas de fotografias de vegetais, frutos, flores e plantas. Consistia na coleção de imagens do jardineiro inglês Charles Harry Jones, morto em 1959. Assim como diversas biografias na história da arte, 22 anos separaram Charles de seu reconhecimento como fotógrafo, mesmo assim suas fotografias foram parar em museus e coleções privadas.

Como Charles, Vivian Maier também foi uma fotógrafa “descoberta”. Tendo trabalhado a maior parte da vida como babá, Maier produzia, nas horas vagas, fotografias das ruas de Nova York, Chicago e Los Angeles. Sua paixão pela fotografia de rua também a fez produzir imagens de suas viagens internacionais para Pequim, Egito e Itália. Maier guardou por muitos anos suas imagens, até que elas foram descobertas em 2007, por John Maloof. No entanto, as fotografias só tiveram o devido reconhecimento do seu valor artístico e documental após a sua morte, em 2009. As fotografias de Maier ganharam exposições, publicações e até um documentário para mostrar sua vida e obras, tornando-a um marco na fotografia de rua.

Outra importante fotógrafa, que teve suas obras alçadas à fama após a morte, foi a estadunidense Francesca Woodman. Seu trabalho é poderoso e perturbador e tem como temática a complexidade do feminino, a solidão e a morte. Francesca cometeu suicídio aos 22 anos, deixando diversos autorretratos potentes. Felizmente seu reconhecimento, mesmo póstumo, fez com que suas imagens chegassem a diversos locais e hoje integram acervos e coleções. Em 2011, no trigésimo ano de sua morte, foi lançado um documentário sobre sua obra e vida.

Algumas características aproximam esses e outros fotógrafos descobertos, tais como o anonimato em vida e uma grande produção que permanece escondida. Para alguns deles, como Jones e Maier, a fotografia acaba sendo uma atividade de segundo plano. Outros apostam tudo na produção fotográfica, como Woodman, mas não alcançam a tempo o gosto do público e das autoridades artísticas. Além dessas características, existe também a questão de que o valor das obras não é imediatamente revelado ao público. No momento em que as imagens são descobertas, elas só ganham destaque

quando passam pelo aval de uma autoridade, como um crítico ou colecionador. Portanto, podemos pensar que talvez o reconhecimento no mundo da fotografia, nesses casos, não se deva somente à qualidade da imagem, à circulação e ao gosto. O valor da obra também está atrelado a autoridades artísticas e é o que nos leva a Ximo Berenguer.

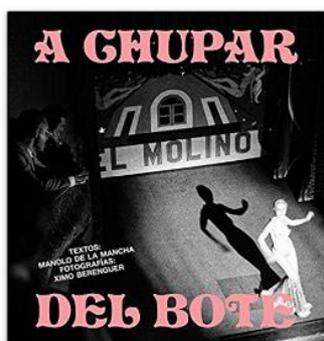
Na edição de 2017 do Photo España, constava entre os selecionados o trabalho do valenciano Ximo Berenguer. Até então desconhecido pelo grupo consumidor de fotografias, Ximo teria sido “descoberto” também após sua morte, quando seus arquivos fotográficos vieram à tona graças a sua irmã, uma freira que permaneceu enclausurada por anos.

Joaquim (Ximo) Berenguer Ros nasceu em 9 de maio de 1946 em Picanya (Valência, Espanha), onde sua família se estabeleceu para trabalhar nas indústrias de laranja. Em 1966, muda-se para Barcelona a fim de estudar na Escola Industrial e resgata sua paixão de adolescência: a fotografia. Berenguer, até então, havia pertencido ao fotoclube de Valência e chegou a ganhar alguns concursos. Mas é em Barcelona que ele se destaca fazendo reportagens e chega a trabalhar com Leopoldo Pomés, como aprendiz em seu estúdio.

Como homem gay em plena ditadura espanhola, tinha grandes problemas familiares. Por isso, acabou adentrando o universo marginal de Barcelona, fotografando, por exemplo, o famoso *El Molino*, símbolo da resistência ao governo ditatorial franquista. Além disso, participou de diversos movimentos de oposição à ditadura, documentando shows, manifestações e reivindicações sociais como fotógrafo *freelancer*. Sua atuação acompanhou toda a efervescência política da época franquista, que perdurou até depois da morte do ditador, em 1975. Em 1977, Berenguer, desenvolve o projeto sobre o *El Molino* para um livro. Porém, em 3 de setembro de 1978, voltando de *Canet Roc*, sofre um acidente mortal de motocicleta, e sua irmã, Amparo, herda todo o seu arquivo fotográfico.

O *El Molino* era uma casa de shows que permitia a participação do público, fazendo aflorar toda a dimensão social de repressão que os catalães viviam naquela época. Toda a revolução que acontecia na rua aparecia também

nos espetáculos como forma de crítica social. Ximo Berenguer chega a namorar o coreógrafo da casa de shows, Negrito Poli, o que lhe permite entrar nos bastidores do *El Molino* com bastante intimidade. Dessa forma, ele consegue produzir fotografias que exprimem a liberdade do local em comparação com a dureza do exterior ditatorial. [Imagem 1]



[Ver las 2 imágenes](#)

A CHUPAR DEL BOTE (Inglés) Tapa dura – 24 may 2017

de **BERENGUER** (Autor)

[Sé el primero en opinar sobre este producto](#)

[Ver los formatos y ediciones](#)

Tapa dura

EUR 27,57

5 Nuevo desde EUR 27,57

Recíbelo entre el 9 - 17 may. al elegir **Entrega estándar** durante la tramitación del pedido. [Ver detalles](#)

El libro *A chupar del bote* un título extraído del espectáculo que se representaba en el popular music-hall barcelonés *El Molino* a mitad de los años setenta constituye la recuperación de Ximo Berenguer (1946 1977), una figura de la fotografía española hasta ahora prácticamente desconocida. El libro contribuye al justo reconocimiento del talento de un valioso fotógrafo a la vez que ofrece al público una obra que con el tiempo ha madurado y se revela en la actualidad como un magnífico documento artístico y sociológico de una época crucial de la historia reciente de España.

[Avisar de alguna información del producto errónea.](#)

Imagem 1

Início do livro *A chupar del bote* (2017) que faz referência a um pôster do *El Molino*.

Também durante a ditadura espanhola, de 1961 a 1975, a editora Esther Tusquets junto com seu irmão Oscar Tusquets criaram a coleção de livros publicados em Barcelona, cujo nome era “Palabra e Imagen”. Esther era responsável pela seleção dos textos, e seu irmão pelas imagens, com a assessoria de Oriol Maspons no quesito fotografias. A ideia proposta pelos dois irmãos para a coleção era criar algo novo, que não se encaixasse somente como um livro de literatura ou um livro de fotografias. O experimento – um novo conceito para a época – era apresentar ideias através de textos, imagens e fotografias, considerando também a composição, a diagramação e a tipografia. Cada livro da coleção possuía um tema, em que os escritores, fotógrafos, ilustradores e editores trabalhavam em equipe, pensando na temática como novas possibilidades dentro do formato livro.

“Palabra e Imagen” no es comprendida en su momento. Se vende mal, con alguna excepción, y acaba en las mesas de saldos y las mantas del suelo de los mercadillos dominicales. Además se estropea con una decisión equivocada. A las preciosas Luces y sombras sigue un último y tardío tomo, más que feo. Sale a destiempo, diez años después, como catálogo de una exposición municipal. Trata de ángeles helados

*y losas más heladas aún de camposantos siniestros y rimas vetustas. Es un libro póstumo. (...) Otro libro póstumo y todavía más tardío, cierra de forma más coherente (y mucho más alegre) una colección inolvidable. **A chupar del bote** es un nuevo “Palabra e Imagen” que no han visto Esther ni Oscar Tusquets, pero que se parece mucho, muchísimo, a los que ellos preparaban con tanto esmero. (FERNANDEZ, 2017, p. 1).*

O título do livro que estamos analisando aqui, **A chupar del bote** (2017), foi inspirado em um dos espetáculos do *El Molino* e fazia referência aos funcionários e agentes da ditadura que abusavam do poder. No *El Molino*, o espetáculo ganha outro tipo de caracterização: de variedades, moda, erotismo, onde as pessoas chegavam vestidas e podiam acabar completamente nuas, tudo como forma de extravasar o contexto social externo ao espetáculo. Contando com as fotografias de Ximo Berenguer e os textos de Manolo de La Mancha, o livro póstumo da coleção – e de Ximo Berenguer – nos coloca dentro dos bastidores do espetáculo do *El Molino* sem pedir licença. Ximo traduz, em fotografias documentais, toda a aura que envolvia a casa de shows mas sob o ponto de vista de uma pessoa muito próxima daquele ambiente. As fotografias de Ximo Berenguer entram no livro através de alguns contatos que o fotógrafo possuía, no entanto quando o livro é publicado, somente em 2017, ele já está morto.

O projeto, que ficou engavetado por anos junto com outras imagens, é realizado quando suas fotografias são redescobertas através de sua irmã. Todo o material encontrado vira exposições, se vende a colecionadores e a museus. Ximo Berenguer descobre sua carreira dentro do mercado fotográfico, mas infelizmente de forma póstuma, assim como Francesca Woodman, Vivian Maier e Charles Harry Jones.

Ximo Berenguer não existe, é Joan Fontcuberta

Logo na capa de **A chupar del bote** (2017), encontramos o selo Martin Parr de qualidade [Imagem 2]. Parr, fotógrafo documental britânico e colecionador de livros, é sem dúvida uma autoridade para atestar que Ximo Berenguer pode ser considerado uma versão espanhola de Vivian Maier. O texto de Parr é preciso e resume a ideia que gira em torno dos fotógrafos “descobertos”: um talento esquecido até o momento. Parr é também grande amigo de Joan

Fontcuberta e, dessa forma, contribui para a trama ficcional do artista catalão, realizada através de um fotógrafo *fake*.

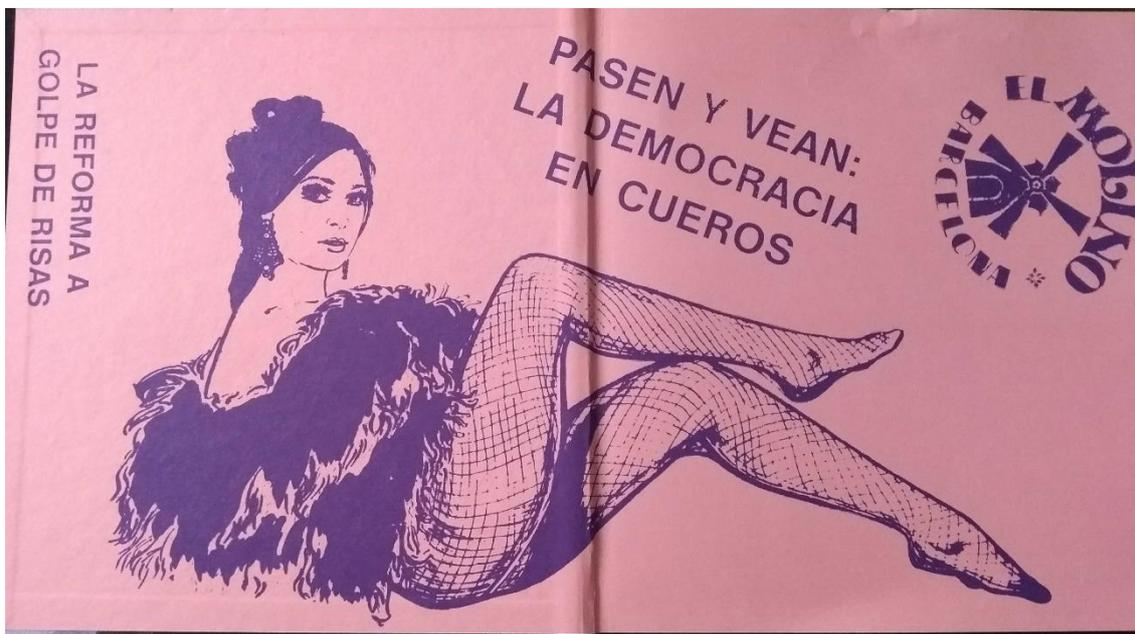


Imagem 2
O selo Martin Parr de qualidade

Fontcuberta é conhecido por realizar projetos que se utilizam de ideias forjadas. Dentre seus famosos projetos, podemos citar **Fauna Secreta** (1989), **Sputnik** (1997) e **Desconstruindo Osama** (2007). Todas essas obras possuem a intenção de conscientizar e alertar as pessoas a respeito dos usos enganosos de informações vindas dos meios de comunicação, autoridades, políticos etc. Para o artista, os agentes culturais são também responsáveis por ensinar a sociedade a discutir as verdades e as ficções que nos rodeiam.

Ximo Berenguer é, portanto, um projeto fotográfico de Joan Fontcuberta inspirado em fotógrafos “descobertos” – como Vivian Maier, Francesca Woodman e Charles Jones. Fontcuberta deixa para o último dia do *Photo España*² de 2017 para revelar ser o criador do personagem, com uma trama extremamente complexa e concebida com o objetivo de questionar mais uma vez a credibilidade do público diante das instituições mercadológicas da arte, dos meios de comunicação, das instituições etc.

² Festival internacional de Fotografia e Artes Visuais.

Novamente Fontcuberta desenvolve um projeto transmidiático, por assim dizer, e se utiliza de diversos aportes para provar o seu *fake*. O projeto, além do livro, inclui documentos, fotografias de infância, textos para a *Wikipedia* e notícias forjadas na internet, fazendo com que seu personagem ganhe referências em jornais de toda a Espanha. As fotografias de Berenguer rodam por galerias, exposições, são leiloadas e impressas no livro **A chupar del bote** (2017) [Imagens 3 e 4]. Fontcuberta utiliza toda a história social e cultural espanhola para criar um personagem digno de crença e recorre aos amigos e a autoridades da área para fazer o projeto acontecer.



Imagem 3
Anúncio do livro na Amazon.es, onde o autor do livro ainda é "Berenguer".

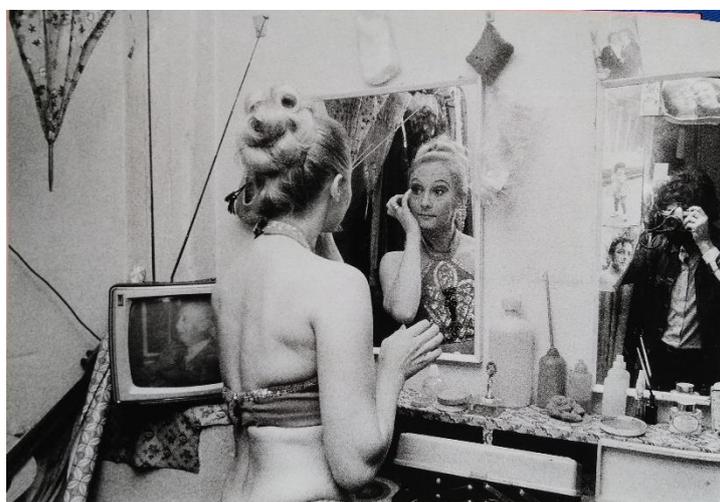


Imagem 4
Como em todos os projetos de Fontcuberta, ele nos apresenta pistas. Nesta fotografia do livro *A chupar del bote*, vemos a imagem do artista refletida no espelho. Um autorretrato, uma pista sobre a autoria das imagens que, no entanto, permanecem ocultas pela câmera.

O projeto nasce como uma prática, um experimento diante do panorama das últimas décadas, em que o *fake* tem sido uma ferramenta pedagógica. A ideia é testar se na era do *Google* seria possível gerar um *fake*, na tentativa de nos remediar contra esses tipos de tramas que nos acompanham cotidianamente. Interessa ao artista Fontcuberta pensar em como a pós-verdade induz a imagem à ambiguidade, fazendo-nos pensar não somente na situação da imagem como instrumento de informação e distorção, mas também na situação cultural na qual elas estão inseridas.

Para Fontcuberta, Ximo Berenguer vai de encontro a algo bastante comum: apesar de termos maneiras muito rápidas de comprovar algo, acabamos “baixando a guarda” para muitos aspectos do cotidiano. Logo, a crítica do fotógrafo vai neste sentido – não reside somente na invenção de um artista, pois isso não é novo –, mas em pensar como um artista está relacionado a questões mercadológicas, ou seja, como um artista pode ser fabricado e que críticas ele pode trazer.

Nesse sentido, todas as características dos fotógrafos descobertos são utilizadas no projeto: uma grande produção escondida, no caso enclausurada; a vida anônima e marginalizada na boêmia de Barcelona; uma autoridade, como Martin Parr, e outras galerias que se colocam à disposição para participar do complô, atestando o valor da obra; uma exposição importante no *Photo España* e a conveniência de o fotógrafo descoberto estar morto.

Entretanto, as fotografias que compõem o livro são do próprio Joan Fontcuberta e foram feitas nos anos 1980 no *El Molino*, com a intenção de virarem um livro. As imagens, no entanto, permaneceram largadas em seu laboratório por vários anos até serem descobertas pelo artista e pensadas para integrarem o projeto Ximo Berenguer. Algumas cópias, inclusive, já tinham sido reveladas e estavam amareladas, o que contribui para completar o *fake*.

A chupar de bote (2017) é um livro fascinante na medida em que mistura fotografias e textos do próprio Fontcuberta. Os textos são escritos em diversos formatos, de prosas curtas a poesias, e possuem humor com crítica social. Além disso, são impressos sobre um papel rosa grosso, que contrasta com as imagens em preto e branco.

As fotografias têm como temática retratos, os espetáculos do *El Molino*, os bastidores e as ruas de Barcelona, como forma de situar o contexto histórico, cultural e social. Além disso, as fotografias nos colocam dentro da ação e nos mostram o outro lado das situações, ou seja, os locais onde o público não pode entrar nem pode ver.

As fotografias e os textos desenham entre si algumas relações, já que as páginas do livro são diagramadas para serem vistas duas a duas. Na maioria

dos casos, temos de um lado uma fotografia e de outro palavras. Desse modo, podemos estabelecer algum tipo de relação entre os textos, que falam sobre o contexto cultural e social do país de forma bem-humorada e crítica; e as fotografias em preto e branco em que a nudez prevalece nos remetem ao documental. Seguindo a premissa da coleção “Palabra e Imagen”, os dois itens – textos e fotografias – funcionam independentes ao mesmo tempo que se potencializam [Imagem 5].

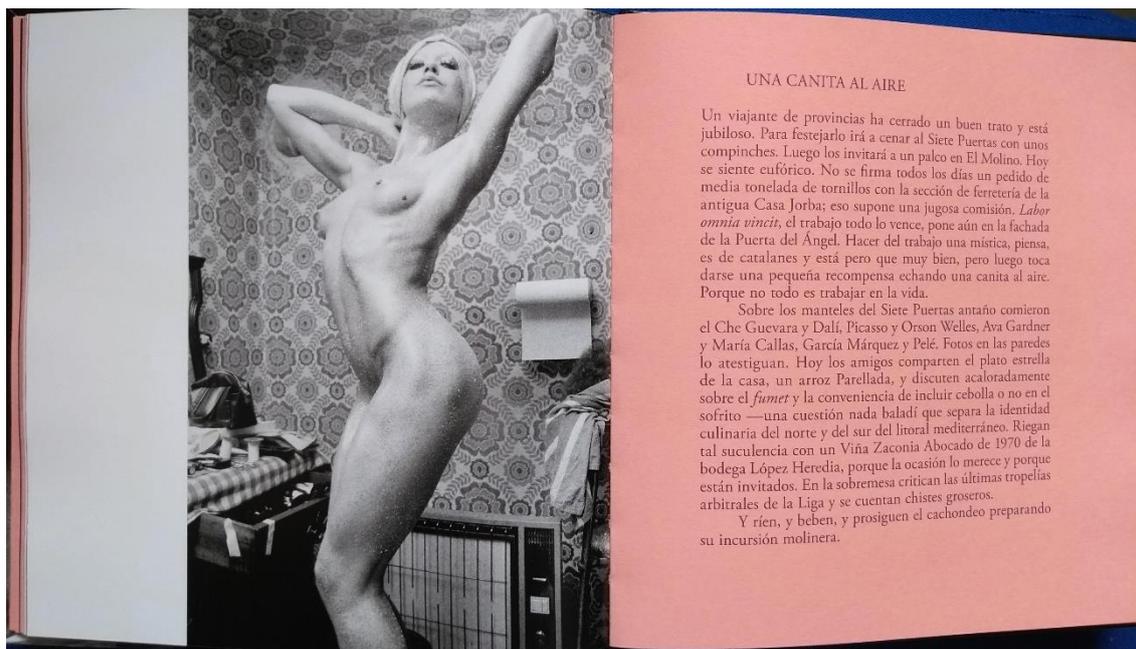


Imagem 5
Um exemplo de página dupla da publicação com imagem e palavra.

Como desejado pelos irmãos Tusquets, **A chupar del bote** (2017) não é somente um *fotolivro*³, vai além disso. Diferentemente de um fotolivro, as imagens atuam juntamente com a constelação de elementos escondidos no livro, de modo a confirmar o *fake*. Dessa forma, além das imagens, outras características são bastante importantes, como a opinião de Martin Parr ou o aviso na última página do livro.

O *fake* vem sendo apresentado como estratégia de ativismo na arte contemporânea, fazendo-nos pensar sobre os mecanismos escondidos nas informações que procedem do poder e das autoridades, sejam elas quais forem.

³ Isso se partimos do pressuposto, estabelecido pelo próprio Fontcuberta, que fotolivros são obras autônomas que seguem um determinado modelo de criação. Ou seja, existe o desenvolvimento de um discurso que alinha as imagens aos textos, à diagramação, ao papel etc., mas de modo que as fotografias sejam sempre as protagonistas.

Podemos entender **A chupar del bote** (2017) como um livro expandido, que nos leva a múltiplas possibilidades: a narrativa – textual, gráfica ou imagética – apresentada no formato livro é parte de algo maior, é parte de um projeto de ficção chamado Ximo Berenguer.

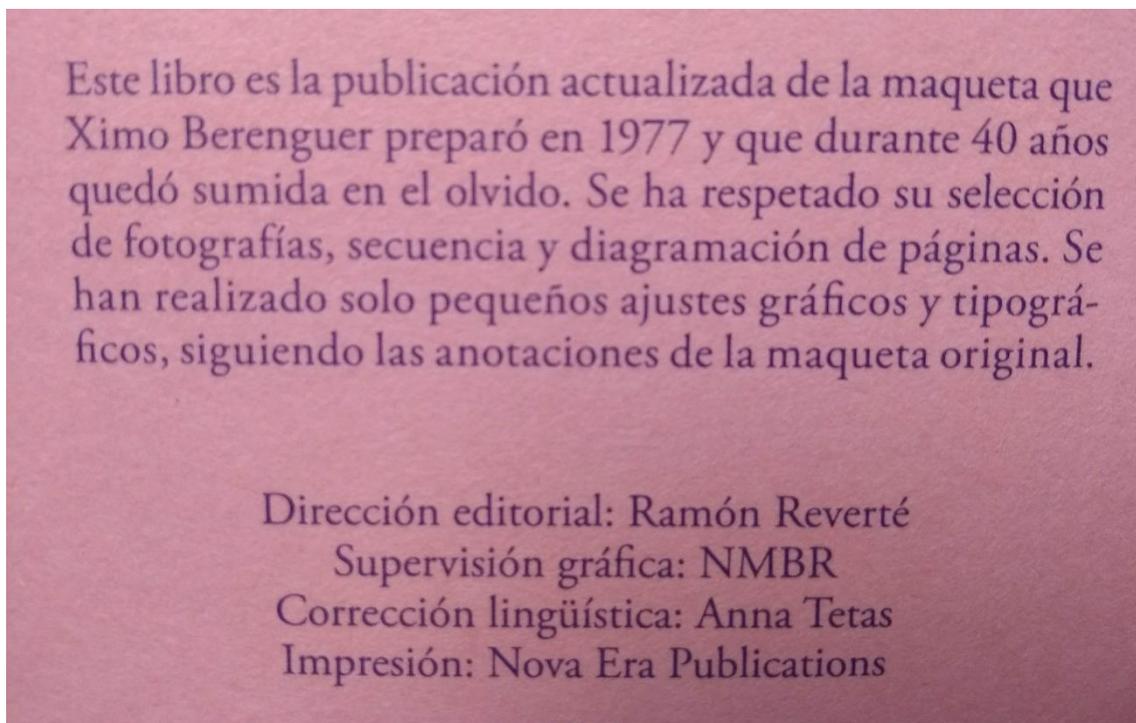


Imagem 6

Aviso no final do livro, acompanhado pelas informações da publicação.

Considerações finais ou por que Fontcuberta mente

Assim como Bayard ou Meliés, Fontcuberta é um ilusionista e nos alerta sobre a possibilidade de criar uma realidade e operar sobre ela. Os artistas que desenvolvem tramas ficcionais criam um sistema de códigos para estabelecerem uma credibilidade, gerando uma similitude entre a realidade e o ficcional. Isso só é possível, pois cada sociedade possui suas verdades mentiras, ou seja, constroem mecanismos que regem suas verdades.

Artistas que trabalham pensando no momento atual, como Fontcuberta, estão preparados para ensinar. Através da arte, eles nos fazem perceber como estamos rodeados por ficções que só dependem de uma coisa: a verdade de autoridades. No entanto, é necessário descobrir as estratégias de realidade, verdade, objetividade. Especialmente aquelas que utilizam as imagens como estratégias de convencimento.

Pensando nisso, é claro que um *fake* bem construído é irresistível. Principalmente quando estamos diante de narrativas que se parecem com outras já narradas, como o caso de Berenguer em relação a Jones, Maier e Woodman. Além disso, o *fake* está dentro do conjunto de informações que recebemos todos os dias e, como vivemos em bolhas sociais, acabamos buscando relatos parecidos com o que acreditamos.

Para Fontcuberta, isso tudo é combustível para agentes culturais como ele, que acreditam ter a função de elucidar e discutir essas questões. Enquanto autoridade artística, ele nos mostra a constelação de elementos que geram diferentes sentidos e, a partir disso, cria obras que têm como intenção nos fazer seguir precavidos dos enganos que nos cercam.

Referências Bibliográficas

BERENGUER, Ximo. **A chupar del bote**. Barcelona: RMAA0, 2017. Disponível em: <http://www.phe.es/exposicion/chupar-del-bote/>. Acesso em: 13 out. 2018.

DUNKER, Christian. **Pós-verdade e o futuro presente**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j2WdHPcNHt4>. Acesso em: 10 set. 2018.

ENTLER, Ronaldo. Um lugar chamado fotografia, uma postura chamada contemporânea. Texto publicado no catálogo da exposição **A Invenção de um Mundo**. Coleção da Maison Européenne de La Photographie/Paris, realizada em 2009 no Itaú Cultural, sob curadoria de Eder Chiodetto e Jean-Luc Monterosso. 2009. Disponível em: http://www.entler.com.br/textos/postura_contemporanea.html. Acesso em: 8 out. 2018.

FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas: fotografia e verdade**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2010.

_____. **A Caixa de Pandora: A fotografia depois da fotografia**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2014.

_____. **La furia de las imágenes: notas sobre la post-fotografía**. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2016.

_____. Conferência do Fotógrafo Joan Fontcuberta no Spectra. **Primeiro Simpósio Mundial sobre Teorias da Conspiração**, Valência/Espanha, Parte 4. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F9byuSGbaa4&feature=related>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. **Fórum de Fotografia do Itaú Cultural**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LCByiio0adQ>. Acesso em: 10 out 2018.

_____. **Interview with Joan Fontcuberta**. Disponível em: <http://www.marcfeustel.com/interview-with-joan-fontcuberta/>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. **Proyecto Ximo Berenguer: el libro como fake.** Disponível em: goo.gl/q1Lv2A. Acesso em 15 out 2018.

_____. **Site Oficial do Joan Fontcuberta.** Disponível em: <http://www.fontcuberta.com>. Acesso em: 16 out. 2018.

HOWARD Green Gallery. **Informações sobre o artista Charles Jones.** Disponível em: <http://www.howardgreenberg.com/artists/charles-jones>. Acesso em: 17 out. 2018.

MACLENNAN, Gloria Crespo. **Francesca Woodman: o risco de ser artista.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/cultura/1453475483_302876.html. Acesso em: 10 out. 2018. **SITE oficial de Vivian Maier.** Disponível em: <http://www.vivianmaier.com/>. Acesso em: 15 out. 2018.